



A2-449 Mulheres da Chapada do Apodi: desvelando os impactos da modernização agrícola sobre a saúde e apontando novas perspectivas para o campo

Mayara Melo Rocha; Núcleo Tramas - UFC; mayaramelorocho@gmail.com;
Raquel Maria Rigotto; Núcleo Tramas - UFC; ntramas.ufc@gmail.com;
Andréa Machado Camurça; Núcleo Tramas - UFC; andreamcufc@gmail.com ;
Henrique R. S. Ziegler

Resumo

O estudo objetiva analisar as repercussões da expansão do agronegócio sobre a saúde e o trabalho das mulheres que vivem na Chapada do Apodi - CE, território marcado por conflitos ambientais decorrentes do processo de modernização agrícola. A partir de abordagens metodológicas participativas que tiveram como base a Pedagogia do Território e a Pedagogia Feminista realizou-se um diagnóstico sobre a saúde das mulheres e sua relação com os processos de desterritorialização. Identificou-se que a expansão do agronegócio promove graves impactos sobre o ambiente, o trabalho e a saúde das populações camponesas e que as mulheres são o segmento social mais vulnerabilizado. A compreensão de que o atual modelo de desenvolvimento agrícola é promotor de adoecimento, indica a necessidade de construção de alternativas que partam de uma perspectiva agroecológica e que possam levantar debates políticos capazes de questionar a racionalidade produtiva vigente.

Palavras-chave: modernização agrícola; mulheres; saúde; agroecologia.

Abstract

The study aims to analyze the impact of the expansion of agribusiness on health and the work of women living in Chapada do Apodi - CE territory marked by environmental conflicts arising from the agricultural modernization process. From participative methodological approaches that were based on the Territorial Pedagogy and the Feminist Pedagogy held a diagnosis of the health of women and their relation to the dispossession process. It was identified that the expansion of agribusiness promotes serious impacts on the environment, labor and health of rural populations and women are the social segment most vulnerabilizado. The realization that the current model of agricultural development is sickening promoter, indicates the need to build alternatives departing from an agro ecological perspective and that may raise political debates able to question the prevailing productive rationality.

Keywords: agricultural modernization; women; health; agroecology.

Introdução

A presente pesquisa foi realizada na Chapada do Apodi, localizada na região do Baixo Jaguaribe, estado do Ceará, que tem se configurado como uma das zonas da expansão do capital no campo. Na década de 1980, a Chapada do Apodi recebeu o Perímetro Público Irrigado Jaguaribe-Apodi com o objetivo de garantir oferta hídrica para impulsionar a modernização agrícola naquele território. Desde então, diversas empresas do ramo da fruticultura irrigada foram atraídas provocando um violento processo de desterritorialização, além da instauração de um modelo produtivo marcado pela monocultura, a mecanização, a proletarianização de agricultores(as), a precarização das relações de trabalho e o uso intensivo de fertilizantes químicos e agrotóxicos (RIGOTTO, 2011). A medida que esse modelo agrícola avança, expande-se o processo de neocolonização dos sistemas alimentares locais e cresce o



empobrecimento das populações camponesas que passam a enfrentar um quadro de ameaça a soberania e a segurança alimentar.

Pesquisas realizadas na região (SILVA, 2013) revelam que o agronegócio impactou especialmente o cotidiano das mulheres que vivem na Chapada do Apodi ao deslocá-las do trabalho desenvolvido na agricultura familiar para o trabalho nas empresas de fruticultura irrigada, oferecendo empregos precários e sazonais e provocando agravos e ameaças à saúde decorrentes da exposição aos agrotóxicos.

Numa sociedade marcada pelas desigualdades de gênero, as mulheres são o segmento social mais vulnerabilizado pelas transformações territoriais impostas por projetos de desenvolvimento. Num contexto de ameaça à soberania e à segurança alimentar, provocado pela perda do território, da proliferação de doenças, decorrentes da contaminação ambiental e humana e pelo crescimento da vulnerabilização social, recaí principalmente sobre elas a tarefa de reconstruir as condições de reprodução da vida (ÁVILA, 2013).

Ao longo da pesquisa, observamos que as mulheres da Chapada do Apodi possuem uma compreensão sobre a saúde que não se limita a ausência de doenças e que está profundamente relacionada as possibilidades de reprodução da vida em territórios ambientalmente saudáveis e socialmente justos. Assim, as mulheres aportaram importantes contribuições para a reflexão sobre os impactos que diferentes modelos agrícolas possuem sobre o processo saúde-doença.

Partindo de uma concepção crítica da saúde que compreende as inter-relações entre os processos de produção e consumo e a eclosão de conflitos ambientais (RIGOTTO & TEIXEIRA, 2009), podemos dizer que a imposição de um modelo agrícola que não dialoga com as populações camponesas, seus valores e modos de vida interfere diretamente sobre os determinantes em saúde. Por isso, acreditamos ser fundamental trazer a perspectiva da Ecologia Política para o enfoque socioambiental desses determinante (PORTO, 2014), visto que nos permite incorporar na análise do processo saúde-doença a desigualdade social e ambiental, além das questões de gênero, raça e etnia.

Nesse contexto, a presente pesquisa objetivou analisar os processos de vulnerabilização provocados pela modernização agrícola sobre a saúde das mulheres, além de construir com elas reflexões que apontaram para a possibilidade de construção de outros modos de produzir no campo, mais condizentes com os modos de vida locais e capazes de promover a saúde das populações camponesas.

Metodologia

O processo de pesquisa foi permeado por metodologias participativas e dialógicas que tiveram como base a Pedagogia do Território e a Pedagogia Feminista. Para compreender os processos de vulnerabilização promovidos pela modernização agrícola, bem como seus impactos sobre a saúde das mulheres, construiu-se um diagnóstico participativo utilizando técnicas de observação participante, oficinas temáticas envolvendo um grupo formado por 12 mulheres de 5 comunidades, oficinas temáticas com profissionais de saúde que atuam na região, entrevistas semiestruturadas com 11 mulheres empregadas em empresas do agronegócio, entrevistas semiestruturadas para captar história de vida de 12 mulheres de 4 comunidades, além de visitas exploratórias à duas empresas de fruticultura irrigada instaladas na Chapada do Apodi.

Resultados e discussões

A compreensão de saúde demonstrada pelas mulheres participantes de nossa pesquisa apresenta um entrelaçamento entre diversas dimensões da vida, assim, elas afirmam que ter saúde é viver num ambiente seguro e saudável, ter autonomia sobre os usos do território, ter garantidas às condições de produção e de alimentação, ou seja, é *"viver bem que não é só no sentido de não estar doente, mas estar bem com o corpo, mas também com o ambiente, com as pessoas. É ter garantida as condições de vida. Se nós não temos condições de vida, nós não temos saúde"* (oficina temática).

Essa compreensão indica a relevância de considerarmos os impactos causados pelos processos de desterritorialização promovidos pela modernização agrícola sobre a saúde das populações do campo. A reestruturação produtiva imposta por esse modelo não só inviabiliza a agricultura camponesa como coloca em risco a organização dos modos de vida dessas populações e impõe riscos antes desconhecidos por elas, como o uso intensivo de fertilizantes químicos e agrotóxicos. As mulheres demonstram uma profunda compreensão desse processo de mudanças e de como a inserção de modo de produção alheio a suas realidades é promotor de graves injustiças e violações de direitos *"A gente fica assim, sem saber realmente o que fazer, questão dessas empresas que apenas vêm, se apossam de nossas terras, tira tudo o que é de bom dela e só deixa mal pra nós que ficamos aqui, que quando acaba o que é bom pra eles, eles vai e planta noutra canto e nós ficamos só com o que é de ruim. Ficamos com o desemprego [...] fica o solo, o ar todo poluído e gerando doenças pra nós, causando até em algumas pessoas o óbito e mães de família ficam viúvas, perdem o marido, outras perdem os filhos [...]"* (oficina temática).

Desse modo, as mulheres apontam a perda da terra, a contaminação ambiental por uso de agrotóxicos, o aumento da violência, da exploração sexual, da prostituição e do tráfico de drogas como riscos à saúde, sobretudo das mulheres, afinal, num contexto marcado pela desigualdade de gênero, elas assumem o papel de cuidados com a família e com a vida comunitária (ÁVILA, 2013).

Uma das transformações mais mencionadas como ameaça à saúde das mulheres diz respeito às alterações das relações de trabalho no campo. Se antes as mulheres estavam envolvidas no trabalho com a agricultura familiar, com a perda da terra, muitas passaram a ser empregadas de empresas da fruticultura irrigada. Verificou-se o crescimento do uso do trabalho das mulheres nessas empresas, principalmente, no setor denominado *packhouse*. Conforme observamos em visitas às empresas, esse setor é basicamente composto por mulheres (Figura 1 e 2).



FIGURA 1. corredor de mulheres na *packhouse* em uma empresa de fruticultura



FIGURA 2. mulheres trabalhando na *packhouse* em uma empresa de fruticultura

Ao entrevistarmos a técnica de segurança do trabalho de uma das empresas questionamos a razão desse setor ser basicamente ocupado por mulheres. Nos foi respondido que essa é uma função que exige cuidado e atenção, portanto, "as mulheres tem mais cuidado" (entrevista com técnica de segurança de uma das empresas visitadas). Percebemos que o capital se apropria de habilidades tradicionalmente aprendidas na esfera reprodutiva pelas mulheres, consideradas habilidades femininas, para aperfeiçoar seus novos métodos de gerenciamento da produção.

No entanto, isto não significa melhoria de vida para as mulheres e nem altera o quadro de desigualdade da divisão sexual do trabalho. Ao contrário, as atividades desenvolvidas pelas mulheres são marcadas por esforços repetitivos e extenuantes jornadas de trabalho que ocasionam o adoecimento das trabalhadoras. *"O excesso de trabalho era demais e a gente trabalhava coletivamente só tinha hora de entrar não tinha hora de sair e era de um jeito só. Todo dia em uma posição só. Sinto muita dor nos braços, agora eu estou com hérnia de disco na coluna, com duas hérnias de disco nesse osso do pescoço, com artrite, artrose e outras coisas. Na empresa que eu trabalho não sou só eu que estou assim [...]"* (trabalhadora entrevistada).

Ao demonstrarem uma ampla compreensão de como a reorganização dos processos produtivos ameaçam a saúde, as mulheres apontam os caminhos para a construção de outras possibilidades para as populações camponesas. Na compreensão delas, é importante partir de uma visão integradora entre seres humanos e natureza, modos de produzir mais condizentes com a cosmovisão dessas populações *"Aqui na Chapada os direitos da natureza estão sendo negados, infelizmente [...]Essa é que bem tem direito porque quem nos sustenta é ela. Então ela tem o direito de respirar mais do que nós porque ela dá respiração. Através do ar que ela libera é que a gente respira. E se a natureza morrer, a humanidade também vai morrer!* (entrevista, histórias de vida).

Considerar essa perspectiva, é uma possibilidade de fortalecer e apoiar modelos alternativos que tenham como base a agroecologia construída a partir das experiências das populações camponesas, de seus conhecimentos locais sobre suas culturas, seu ambiente e suas relações comunitárias, aliadas às preocupações ambientais como orientadoras da ação política e de práticas produtivas autônomas. (SÉVILLA GÚZMAN, 2001).

Conclusões

A pesquisa evidencia o processo de modernização agrícola como promotor de uma série de impactos negativos sobre o ambiente, o trabalho e a saúde que repercutem diretamente sobre a vida das mulheres da Chapada do Apodi. Identificamos violações de direitos relacionadas à perda do território, à autonomia sobre produção e consumo, à vulnerabilização social e à contaminação ambiental e humana. Compreendemos que desvelar esse quadro é fundamental para que sejam construídas alternativas a esse modelo agrícola predatório. Assim, as políticas públicas voltadas para as populações do campo, sobretudo às de saúde, devem ser efetivadas a partir da perspectiva das populações camponesas, respeitando suas experiências, seus saberes e seus sistemas culturais. As mulheres que participaram da pesquisa indicam que o modelo de desenvolvimento em curso para o campo é promotor de adoecimento, o que torna urgente a construção de alternativas pautadas em perspectivas agroecológicas que não se limitem apenas à proposições técnicas, mas que indiquem debates políticos capazes de questionar a lógica produtiva e



hegemônica baseada modernização agrícola que perpetua relações de poder desiguais no campo.

Referências bibliográficas

- ÁVILA, MB. 2013. Mulher e natureza: dos sentidos da dominação no capitalismo e no sistema patriarcal. In: As mulheres na Rio+20: diversas visões contribuindo ao debate. Rio de Janeiro: Instituto Equit. pp. 71-82.
- PORTO, MFS; ROCHA, DF; FINAMORE, R. (2014). Saúde coletiva, território e conflitos ambientais: bases para um enfoque socioambiental crítico. *Ciência e saúde coletiva*. vol.19 no.10. Rio de Janeiro Oct. 2014: 4071-4080.
- RIGOTTO, RM. (2011). Os conflitos entre o agronegócio e os direitos das populações: o papel do campo científico. *Revista Pegada*.
- RIGOTTO, RM; TEIXEIRA ACA (2009). Desenvolvimento e Sustentabilidade Socioambiental no Campo, na cidade e na Floresta In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE AMBIENTAL, 1. 2009, Brasília, DF. Caderno de texto. Brasília, DF: GT Saúde e Ambiente da ABRASCO.
- SEVILLA GUZMÁN, E. (2001) Una estrategia de sustentabilidad a partir de la Agroecología. *Agroecología e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre, v. 2, n. 1, pp. 35-45.
- SILVA, MLV. (2014). Gritos, silêncios e sementes: as repercussões do processo de des-reterritorialização empreendido pela modernização agrícola sobre o ambiente, o trabalho e a saúde de mulheres camponesas na Chapada do Apodi/CE. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza.